

Pioneiros do futuro — uma saga brasiliense



Na W3 Sul, o Infinu transforma becos em espaços de convivência e criação, fortalecendo a economia criativa e a cena independente e cultural de Brasília. O foco na colaboração e a diversidade dialogam com a concepção da capital

Economia criativa reinventa a cidade

» ANA CAROLINA ALVES

Foi em meio ao movimento de ocupação urbana e reinvenção dos espaços que nasceu o Infinu, iniciativa que busca traduzir, na prática, o potencial da economia criativa em Brasília. Idealizado por Miguel Galvão, o projeto surgiu durante a pandemia a partir da percepção de uma lacuna na cena cultural da cidade: a falta de espaços estruturados para pequenos palcos e produções alternativas.

Dessa necessidade o espaço tomou forma, descrito por ele como “o pequeno palco mais fantástico e endiabrado do país, servindo como aeroporto interestelar atendendo artistas alternativos querendo brilhar em solos candangos”.

Miguel lembra que, assim como o empreendimento começou a funcionar, sua vida mudou completamente. Ao lado de outros sócios, ele já era responsável pelo evento PicniK e dividia a rotina entre os projetos culturais e a carreira como economista. “Consegui equilibrar tudo por apenas um ano, quando então



(Infinu) o pequeno palco mais fantástico e endiabrado do país, servindo como aeroporto interestelar atendendo artistas alternativos querendo brilhar em solos candangos”

Miguel Galvão,
idealizador do Infinu

tive de escolher e abrir mão do campo mais ortodoxo, a economia, para dedicar de cabeça aos projetos culturais. Essa mudança me forçou a conviver com mais pessoas, diferentes e inesperadas, o que me proporcionou um crescimento pessoal importante”, ressalta.

Para Miguel, o espírito de colaboração e diversidade que o Infinu mantém vivo até hoje dialoga diretamente com a própria concepção de Brasília, pensada como um ponto de encontro de diferentes origens. “Isso está facilmente visível no Infinu observando a diversidade de nossa programação e do público que frequenta o espaço e também pela forma inusitada que ocupamos a W3 Sul, mostrando que os becos entre os blocos podem na verdade ser praças de convívio social e trazendo um compromisso estético com as atividades e tudo o mais que é feito”, explica.

No futuro, a expectativa é de continuidade, desde que o espaço siga fazendo sentido dentro da cena cultural de Brasília. “Torço para que ele esteja diferente (para melhor!) e continue relevante dentro da cena, além de fiel aos seus princípios fundadores, que buscam somar com a construção de uma realidade mais colaborativa, cooperativa, compartilhada e socioambientalmente responsável”, destaca.

Minervino Júnior/CB/D.A.Press



O empresário Miguel Galvão deixou o trabalho ortodoxo para se dedicar a projetos culturais

Ponte para a inclusão

» CARLOS SILVA

No cenário tecnológico de Brasília, a inovação deixou de ser apenas uma busca por eficiência para se tornar uma ponte essencial de inclusão. A trajetória da Rybená, empresa brasiliense voltada à acessibilidade digital, surgiu de um propósito social, antes mesmo de se tornar um negócio.

Alderval Milhomens, um dos fundadores, relembra que o projeto teve origem nos anos 2000, dentro de uma iniciativa sem fins lucrativos ligada ao desenvolvimento de soluções tecnológicas para pessoas com deficiência. A virada ocorreu a partir de 2016, quando a demanda por acessibilidade digital começou a crescer de forma mais consistente. “As instituições passaram a demonstrar interesse real em ter soluções de acessibilidade, principalmente em ambientes web”, explica.

O passo decisivo veio em 2019, ano de fundação da empresa. Hoje, transforma a experiência digital ao converter textos para Libras com avatares 3D e oferecer leitura assistida por voz em três idiomas (português, inglês e espanhol). É uma ponte de inclusão que remove barreiras para surdos, disléxicos, idosos e pessoas com diferentes níveis de alfabetização ou deficiência intelectual. A solução da Rybená reúne mais de 30 recursos e segue em constante evolução. Um dos principais diferenciais é o uso de inteligência artificial para adaptar conteúdos para Libras, por exemplo. Atualmente, a tecnologia está presente em mais de mil sites e conta com mais de 200 clientes.

Apesar dos avanços, o empreendedor aponta que há

Arquivo pessoal



Alderval Milhomens, um dos fundadores da Rybená

desafios, especialmente no que diz respeito à conscientização. “A legislação determina que sites devem ser acessíveis. Mas, na prática, muitas instituições ainda não tratam isso como prioridade”, afirma. A barreira cultural é um dos principais entraves. “Muitas empresas acham que não têm pessoas com deficiência como público, ou simplesmente não conhecem essas dificuldades”, aponta.

Tanto pela proximidade com instituições quanto pelo contato direto com comunidades de pessoas com deficiência, Brasília teve

papel central no desenvolvimento da Rybená. “A cidade nos permitiu validar nossas soluções muito de perto, com apoio de universidades como a UnB, de intérpretes e usuários. Esse feedback constante foi fundamental para a evolução da plataforma”, enfatiza.

Ele confia nas possibilidades que Brasília proporciona. “A cidade ainda é muito voltada ao setor público, mas tem um enorme potencial na área de tecnologia. Se mais pessoas investirem nesse caminho, acredito que podemos ver surgir grandes empresas daqui”, avalia.

Carlos Vieira/CB/D.A.Press



Marcos Costa e Erika Gadelha (C) são os sócios-fundadores da Escrita com Ciência

A ciência de empreender

No coração do país, onde o concreto modernista de Brasília simboliza planejamento e ousadia, uma nova geração de empreendedores vem redesenhando o futuro a partir da capital. É o caso do Escrita com Ciência, que nasceu da percepção de que transformar boas ideias em projetos estruturados ainda é um dos principais gargalos do empreendedorismo no Brasil, especialmente quando ele surge dentro das universidades. “Nós ainda temos um déficit de letramento científico muito grande. Não adianta abrir editais se as pessoas não foram ensinadas a escrever projetos”, afirma o professor universitário e pesquisador Marcos Costa, sócio-fundador da empresa. O projeto auxilia estudantes e

pesquisadores a tirar (ou colocar) seus projetos de pesquisa do papel, por meio de mentorias, aulas on-line e presenciais, entre outros instrumentos. Está aí o diferencial: aproximar a visão acadêmica da empreendedora. “Elaborar um projeto de pesquisa é, antes de tudo, um exercício de organização do pensamento e da própria lógica do texto científico”, explica Erika Gadelha, que também é sócia-fundadora da empresa. Esse pensamento gerou resultados. A iniciativa ganhou prêmios como o 1º Lugar na “Empresa Cria” e 1º Lugar na “Competição de Selos” e venceu a Competição de Pitchs no Like a Boss do Distrito Federal, organizado pelo Sebrae-DF.

Para Marcos Costa, o empreendedorismo contemporâneo exige mais do que inovação: requer capacidade de articulação, clareza e estratégia. “Não adianta ter uma boa ideia se você não consegue comunicá-la”, destaca. O professor também chama atenção para o papel de cidades como Brasília nesse cenário. “Estar aqui nos coloca no lugar certo para transformar conhecimento em impacto”, observa.

Erika reforça a importância de formar uma nova geração preparada para esse desafio. “Brasília é, talvez, uma das poucas cidades do país onde é possível conectar, no mesmo território, universidade, governo, inovação e impacto social”, assinala. (CS)

Meu encontro com Brasília

» ANA MARIA LOPES

Carioca muito candanga

Larguei minha prancha de surf vermelha no Rio de Janeiro e me tornei a carioca mais candanga de Brasília. Aqui cheguei em 1963. Aos poucos fui me fundindo ao chão vermelho, à poeira que voava em espirais e às tempestades. Sentia-me conectada à feitiçaria, à mágica de uma cidade que brotava do chão rude. E desse amálgama a vida encheu meus dias, e os dela, num balé de emoções.

Brasília me convidou a brincar com emoções. Não imaginava que no convite estaria

incluído um festival de flores que tingem minhas retinas de ipês, flamboyants, cambuís, sibipirunas, quaresmeiras e muito mais.

Aliada à sua monumentalidade arquitetônica, surgiram mestres que trouxeram beleza e mais leveza a esse corolário de sentimentos. E lhe passeio, Brasília, vendo Athos, Bianchettis, Burles, Giorgios, Pierretis e Darlans. A trilha sonora vem da voz de Renato, de Cássia, dos bandolins de Hamilton e Reco, da flauta de Odette, da música e da poética de Clodo, Climério e Clésio.

Foram tantos gênios a preencher a cidade que criamos, Marcia Zarur e eu, a coleção *Mestres Cobogós*, projeto do Coletivo Maria Cobogó que pretende levar, pela biografia desses artistas, pertencimento e cidadania aos jovens das escolas públicas do Distrito Federal.

Ana Maria Lopes/Arquivo pessoal



Brasília sempre respirou poesia. E eu, jornalista, escritora e poeta, vejo-as surgirem nas calçadas, nos mosaicos do Gougou, nas linhas de Behr, de Noélia,

Barbieri saem imagens que instigam, revoltam, apaixonam e convidam a refletir.

E tantos são os caminhos que Brasília oferece que, por vezes, me perco nessa

Angélica, Cassiano, Amâncio e tantos outros que despejam poemas nas quadras, blocos e bares.

Nessa caminhada lírica, a pausa está no cinema candango, aquele que nos orgulha e comove. De Brazza, Vladimir, Moriconi e

peregrinação/elegia e me deparo com a arte e a resistência de Ceilândia, Samambaia, São Sebastião. Ali, a cultura explode jovem e efervescente em ritmo, rima e dança.

Um museu a céu aberto. E que céu! Sob esse festival de cores e nuvens, criei filhos, netos e bisnetos que ostentam comigo o prazer de caminhar nessa cidade. Nós assistimos a todas essas maravilhas sem desconhecer a desigualdade, a falta de justiça social, o descompromisso público.

Mas Brasília nos deu, além de sua beleza, os ideais da fraternidade, da igualdade e muitos motivos para resistir. E amar.

Ana Maria Lopes, jornalista, poeta e integrante do Coletivo Maria Cobogó